

# JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

Setembro

2016

ANO XI  
nº 73

[www.anenet.com.br](http://www.anenet.com.br)

## BIOGRAFIA LAPIDAR, BIOGRAFADO GENIAL, BIÓGRAFA EXEMPLAR

*Fabio de Sousa Coutinho*

**A** paixão e o amor por Octavio Tarquínio de Sousa, intensamente correspondidos, coincidiram, na vida de Lucia Miguel Pereira, naqueles primeiros anos da década de 1930, com uma verdadeira explosão cultural. Assim é que, após período de um lustro dedicado a incansável pesquisa de fontes, saiu, em setembro de 1936, pela Companhia Editora Nacional, *Machado de Assis (Estudo Crítico e Biográfico)*. Sua autora tinha, então, precoces, juveníssimos e incompletos trinta e cinco anos, a mesma idade de Machado quando compôs *A mão e a luva*, um de seus primeiros romances (1874). Tornava-se Lucia, com o livro seminal, uma estrela na constelação das letras nacionais. Um mês antes, em agosto de 1936, viera a lume *Angústia*, o romance que consagrou o alagoano Graciliano Ramos como o mais completo ficcionista brasileiro depois de Machado de Assis.

Continuação na página 5

## MISTÉRIOS E ENCANTOS DA ROSA

*Valfredo Melo e Souza*

**F**ernando Pessoa (1888-1935), poeta português, cristão-gnóstico, estudioso de textos cabalísticos, maçônicos, budistas, teosóficos, rosacruzistas entre outros, declara não pertencer a ordem iniciática nenhuma, mas diz crer na existência de mundos superiores ao nosso. Entende que a Maçonaria evita a polêmica e a banalização com o uso da expressão Deus frente às implicações teológicas e populares, preferindo dizer Grande Arquiteto do Universo, expressão que não questiona se ele é criador ou simples governador do mundo. Por acreditar nisto defendeu a Maçonaria quando o fascismo a proibiu em Portugal.

Continuação na página 3

## O GÊNIO LOUCO DE DARCY

*Edmilson Caminha*

**M**ais do que antropólogo, historiador, sociólogo, escritor, Darcy Ribeiro foi pensador, que se sobrepunha à maioria dos colegas por pensar com a própria cabeça, de modo inteligente, criativo, corajoso, à luz da paixão e do entusiasmo que lhe ardiavam como febre. Havia, nele, algo de vulcânico, de gênio em contínua ebulição, que só vejo em Castro Alves e Glauber Rocha, mais ninguém no Brasil. Sobre o conterrâneo mineiro de Montes Claros, Cyro dos Anjos me comentou, quando nos conhecemos em Fortaleza:

– Se Darcy, que não sabia nada de astronomia, começasse a estudar o assunto, dentro de pouco tempo estaria revolucionando a ciência, com uma nova hipótese para a origem do universo...

Continuação na página 9

## BANDEIRA SEMPRE

*M. Paulo Nunes*

Contrariando um dos meus dez leitores, ou provavelmente aqueles cinco a que se refere Machado de Assis, no início das *Memórias Póstumas de Braz Cubas* e mencionados em meu último artigo sobre aquele autor, o segundo deste ano de uma série que pretendo fazer sobre o romancista, o maior e mais perfeito de nossa literatura, no centenário de seu silêncio, volto, mais uma vez, a Manuel Bandeira, pelas razões a seguir explicadas.

Continuação na página 9

## OS CONTOS FANTÁSTICOS DE MACHADO DE ASSIS – I

*Ronaldo Costa Fernandes*

**E**m Machado, o fantástico se dá por intermédio da cultura. No caso de “O Alienista”, por exemplo, a situação exorbitada é fruto de um comportamento científico. A ironia machadiana é culta. Seus jogos mentais, suas metáforas e citações estão baseados em dados culturais, seja citando a Bíblia, seja exemplificando com os clássicos. No livro *A ideologia do personagem brasileiro*, observei que até o tempo é um fato filtrado pela cultura. O delírio de Brás Cubas está eivado de civilização, erudição e cultura – aqui, não no sentido antropológico, mas de produção culta do conhecimento. Em “O Alienista”, em que valha sua própria crítica

à cultura, é devido ao saber de Simão Bacamarte e de sua pesquisa clínica da mente que se desenvolve paulatinamente o desconcerto entre civilização e barbárie interior. O desvio aqui é cultural também no sentido de produção social e de comportamentos humanos comuns e inerentes à vida em comunidade: ciúme, avareza, ambição, etc. Contudo, o que dispara o mecanismo de caça aos loucos é uma teoria. Uma teoria advinda do campo tão criticado do positivismo científico. E como bom moralista, herdeiro dos moralistas ingleses e franceses, há a “lição” final, a moral da fábula.

Continuação na página 7

## SONETO Nº 175, OP. 354 (Ao Fontes de Alencar)

*Luiz Carlos de Oliveira Cerqueira*

Chega um tempo em que temos que aprontar as malas  
para a partida, tudo tem um fim, por certo.  
Existimos enquanto mantemos desperto  
o sonho, que é um batel sem rumo, sem escalas.

Um dia não ouvimos mais as suas falas  
e por onde você andava se faz deserto.  
Uma tristeza imensa, um sentimento incerto  
rondam, assim, os quartos e as silentes salas...

O pensamento busca sua doce imagem  
que vem, nos beija a face e se esvai qual miragem  
e, felizes, então, chorar nos dá vontade.

E agora, malas prontas, resta-nos partir,  
e indescritível dor, certamente, há de vir  
nas lágrimas de louca e tremenda saudade.

(Republicado por ter saído com incorreções no nº 72)

## Soneto do Mês



*Aureliano Lessa*

Há tormentos sem nome, há desenganos  
Mais negros que o horror da sepultura;  
Dores loucas, e cheias de amargura,  
E momentos mais longos do que os anos.

Não são da vida os passageiros danos  
Que dobram minha frente. A desventura,  
Eu a desdenho... A minha sorte dura  
Fadou-me dentro d'alma outros tiranos.

As dores d'alma, sim; ela somente,  
Algoz de si, acha um prazer cruento  
Em torturar-se ao fogo lentamente.

Oh! Isto é que é sofrer! – nenhum tormento  
Vale um gemido só d'alma tremente,  
Nem séculos as dores de um momento!

(Seleção de Napoleão Valadares)

悯农, 李绅 (唐朝)

锄禾日当午,  
汗滴禾下土。  
谁知盘中餐,  
粒粒皆辛苦。

“Compaixão pelo Agricultor” Li Shen  
(Dinastia Tang)

Cultivando a terra sob o sol do meio-dia,  
O suor respinga no chão e nele se enfia.  
Ninguém sabe quanto de trabalho árduo  
Há em cada grão de arroz de sua iguaria.

“Compaixão pelo Agricultor” é o poema mais famoso do poeta chinês Li Shen, que viveu na Dinastia Tang (618-907), a “Era de Ouro da Poesia Chinesa”. Esse poema nos ensina não apenas a reconhecer e a respeitar os trabalhadores do campo, como também a demonstrar uma das maiores virtudes do ser humano – a gratidão.

Todas as crianças primárias chinesas aprendem a recitar esse poema que, de tão importante e instrutivo, teve suas duas últimas linhas transformadas em slogan: “Lembre-se de não desperdiçar comida!”, sempre afixado nas paredes das cantinas escolares.

Tradução livre, com adaptações de rima e métrica, por Gilberto C. Vaz, coordenador do  
Grupo de Estudo da Cultura Chinesa de Brasília.

Copyright ©. Perguntas e dúvidas: [gechina@culturachinesadebrasil.com](mailto:gechina@culturachinesadebrasil.com)



### Associação Nacional de Escritores

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer  
CEP 70390-078 – Brasília – DF  
Telefones: (61) 3244-3576 / 3443-8207 / 3242-3642  
E-mail: [ane.df@terra.com.br](mailto:ane.df@terra.com.br)

28ª DIRETORIA  
2015-2017

**Presidente:** Fabio de Sousa Coutinho  
**1º Vice-Presidente:** José Carlos Brandi Aleixo  
**2º Vice-Presidente:**  
**Secretária-Geral:** Maria da Glória Barbosa  
**1ª Secretária:** Marcos Freitas  
**2ª Secretária:** Jolimar Corrêa Pinto

**1º Tesoureiro:** Salomão Sousa  
**2º Tesoureiro:** Ariovaldo Pereira de Souza  
**Diretora de Biblioteca:** Thelma Rocha Pinheiro  
**Diretor de Cursos:** Edmilson Caminha  
**Diretor de Divulgação:** Wilson Wander Lopes  
**Diretor de Edições:** Afonso Ligório  
**Conselho Administrativo e Fiscal:** Adirson Vasconcelos,  
Alan Viggiano, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes,  
José Jeronymo Rivera e Napoleão Valadares

### Jornal da ANE nº 73 – setembro 2016

#### Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho  
(Reg. FENAJ nº 286)

#### Conselho Editorial

Anderson Braga Horta, Danilo Gomes,  
Edmilson Caminha e Adirson Vasconcelos

#### Revisão

Napoleão Valadares

#### Programação Visual

Cláudia Gomes

**Composição e impressão:** Centro Editorial e Multimídia de Brasília.  
SIG. Qd. 8 - Lote 2356 - CEP: 70610-480 / Brasília - DF - (61) 3344-3738  
[www.thesaurus.com.br](http://www.thesaurus.com.br)

**Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.**

# MISTÉRIOS E ENCANTOS DA ROSA

Valfredo Melo e Souza

Em sua obra *Mensagem* (1934), deixa-nos um recado de o “Encoberto” com fortes traços cabalísticos e emblemáticos. Encoberto querendo significar aquele que talvez já esteja entre nós, mas ainda não se deu a conhecer. Triste é uma realidade onde tudo se faz sem razão nem verdade, simbolicamente, uma humanidade inconstante. Eis o poema:

“Que símbolo fecundo/ Vem na aurora ansiosa/  
/ Na cruz morta do Mundo/ A vida que é a Rosa. / Que símbolo divino/ Traz o dia já visto?/ Na Cruz que é o destino, / A Rosa que é o Cristo. / Que símbolo final/ Mostra o sol já desperto?/ Na Cruz morta e fatal/ A Rosa do Encoberto”.

Na iconografia esotérica a Rosa sobre a Cruz na interseção dos braços, oferece situações de diálogo. Muitos tentam falar com a rosa. Em vão. A rosa não fala. É quando se escuta o sussurro musical de Cartola: “queixo-me às rosas/ mas que bobagem/ as rosas não falam/ simplesmente as rosas exalam/ o perfume que roubam de ti”. A Pedra Cúbica transmutada em huma-

na forma exala seu perfume imanente: a Rosa Mística, símbolo sagrado, resplandece. Tudo pode acontecer. Nada mais se interpõe. Medite. “O mundo é um moinho/ vai triturar teus sonhos tão mesquinhos/ Vai reduzir as ilusões a pó”, canta o bardo. Imagine! “Se um grão de milho, apertado pela mó pudesse pensar, saberia o que Jean Valjean pensava”, (Vitor Hugo em *Os Miseráveis*). Siga escutando os sussurros do poeta: “Todo mundo tem o direito/ de viver cantando/ O meu único defeito é viver pensando/ em que não realizei/ e é difícil realizar/ Se eu pudesse dar um jeito/ mudaria o meu pensar”. “O pensamento é uma folha desprendida/ do galho de nossas vidas/ que o vento leva e conduz/ É uma luz vacilante e cega/ É o silêncio do cipreste/ Escutado pela cruz”. (Silêncio de um cipreste).

Angenor de Oliveira (1908-1980) – o Cartola – negro, magro, desdentado, nasceu na cidade do Rio de Janeiro. Autêntico, harmonioso, lírico, genial, chamado “O Divino do Morro” pela crítica musical. Foi servente de pedreiro, lavador de carros, peixeiro, sorveteiro, tipógrafo, músico, compositor, menestrel. Um dos maiores expoentes da música brasileira. Um estoico à moda an-

tiga de Zenão de Citium. Tal qual o imperador filósofo (outro estoico) Marco Aurélio que insiste na vinculação do indivíduo ao conjunto do Universo como única coisa a dar sentido à vida. Cartola continua sussurrando os seus versos:

“Tudo de alegrias e tristezas conheci/ Coisas do amor e do sofrer já senti/ Nada me transforma a alegria de viver/ Ver a noite vir e sorrir ao sol nascer/ Vivo esperando o novo dia/ que irá trazer a luz que sempre ficará”.

Por meio da poesia, Cartola intentava uma compreensão que transcendesse o senso comum, procurando na natureza, como os estoicos, explicações para suas emoções. Da mesma forma, no estilo prático e pouco dogmático dos estoicos, Mestre Cartola, em “A canção que chegou”, prega o desprezo pelas mágoas e ressentimentos com que nós devemos enfrentar os dissabores da vida. No mais, silêncio e oração. Ao afastar-se do “desenho correto” e da perspectiva de Brunelleschi, o artista implantaria um movimento irreprímível e arrasador em arte, que se alastrou do impressionismo ao expressionismo.

## SOBRE A DIMENSÃO HUMANA E POÉTICA DO LUTO

Ronaldo Cagiano

Na literatura, o luto vem sendo abordado de maneiras distintas por autores nacionais e estrangeiros, cada qual, à sua maneira, incursionando pela dor provocada pela morte, de modo a realizar não apenas a catarse de um passivo existencial, mas também como tentativa de compreensão dos mistérios da finitude ou para superação do trauma da perda.

Nesse mergulho em busca de uma leitura peculiar e pessoal da “Indesejada das Gentes”, vamos percorrer autores e obras paradigmáticos, que lançam um farol sobre o escuro que os habitam (ou a seus personagens) nesse momento doloroso, não apenas para minimizar a angústia de uma ausência, mas também para estabelecer um diálogo afetivo e íntimo (e às vezes confessional) com aqueles que partiram, seja para enfrentar uma realidade vivida ou na elaboração ficcional de um luto genérico.

Assim, nos deparamos com uma literatura de atmosfera dilacerante, que vai deslindando esse processo de aceitação ou compreensão do luto como condição inafastável e que deflagra no ser um desejo íntimo e catártico de transcendência, que leva à percepção do frágil liame entre a morte e o morrer, entre o nascer e o partir.

Essa relação com o pesar vai encontrar na bibliografia os mais pungentes momentos em que a expressão estética do sofrimento alcança também, e paradoxalmente, uma dimensão poética, como em “Nada a temer”, de Julian Barnes; “O ano do pensamento mágico”, de John Didion; “Nora Webster”, de Cólom Toibin; “O brilho do bronze”, de Boris Fausto; “Diário do luto”, de Roland Barthes; “A desumanização”, de Valter Hugo Mãe; “Os verbos auxiliares do coração”, de Péter Esterházy; e “Carta a D – História de um amor”, de André Gorz. São exemplos candentes e apaixonados de uma intervenção literária que vai além do simples relato ou do mero sentimento de exorcismo do terrível impacto que o desaparecimento de um ente querido é capaz de provocar. Tais situações, com todas as suas consequências emotivas muitas vezes incontornáveis, gera um estado de deserção interior em que a tristeza se mistura à culpa e acaba por prolongar a melancolia e a fragilidade e retardar a reconciliação com a realidade vigente ou com a própria vida.

Entre as obras que lidaram com a morte sem cair na exacerbação sentimental ou na caricatura da dor irremediável, podemos situar o recém-lançado romance “A definição do amor” (Ed. Tordesilhas, SP, 2016, 256 PTS), do escritor Jorge Reis-Sá, uma das vozes mais originais da ficção portuguesa contemporânea, autor também dos belíssimos “Todos os dias” (2007) e “O dom” (2009), publicados no Brasil pela Ed. Record.

O autor realiza uma profunda incursão nesse universo de estranhamento e incertezas por meio de um diário em que o personagem Francisco vivencia o fantasma da morte anunciada de sua mulher Susana, que está grávida, porém em coma após sofrer um AVC, inerte e inerte, levando uma vida vegetativa num leito de hospital. Desde a data da internação (3 de maio) até o desfecho final (13 de outubro, quando nada mais terá jeito), Francisco alterna as memórias e reflexões emocionadas em seu diário com o amálgama de outras vozes que se intercalam, em clave fragmentária,

cujos textos designados como “Véspera” funcionam como uma perfeita alusão a uma espera de algo que não se concretiza e que igualmente são como distintas deambulações pelo território de outras dores.

Numa linguagem extremamente elaborada, Reis-Sá dá voz a um homem tão imobilizado quanto a esposa, porque dominado pela impotência diante da realidade que o impossibilita de salvá-la e ao filho que ela carrega e que divide com a mãe a fronteira entre a luz e as trevas. Nessa busca, autor e personagem se mesclam numa comunicação plena e epifânica ao mapear a contradição de duas vidas num ventre e num corpo que convivem simbioticamente com dois extremos, na medida em que a antecipação de um luto vem na esteira da anunciação de uma vida gerada em meio ao mundo inóspito da inércia materna.

Entre uma morta-viva e um ser (em gestação) vivo-morto que habita uma existência em estágio terminal (porque decretada a morte cerebral da sua progenitora) reside a metáfora da luta pela própria vida (e aí também se digladiam com o dilema vital que sempre nos acompanha desde o nascimento, a peleja entre eros e thanatos). Esse relato, em síntese, carrega a força de um sentimento e a pulsação racional, num esforço para entender os paradoxos de uma vida que deixa-se ir para que outra não se vá. Esse conflito metafórico e ao mesmo tempo dialético – é preciso que a morte de um seja irrigação de um novo ser – está na raiz do (in)tenso diálogo que Francisco empreende, de forma hercúlea, para superar o abismo intransponível de uma verdade imutável e alcançar uma certa dose de resignação diante de sua impotência com a abrupta interdição do futuro e da impossibilidade de viver sem Susana, abduzida pela crueldade do existir.

O autor confere uma dimensão humana e não apocalíptica ao sofrimento, mas reconhece nessa história, a partir de uma especular epígrafe que toma emprestado do músico irlandês Bob Geldof e que abre o livro “A lição de hoje é como morrer” – que chegar e partir são apenas dois lados da mesma moeda, como também cantou Milton Nascimento. E assim reafirma uma consciência racional sobre o insondável que nos espera e que nos impõe um lento aprendizado sobre nossa fugaz trajetória, enfim uma preparação para a morte.

Eis um romance impactante, que traz a definição do amor como uma (e)terna viagem ao que poderia ter sido e não foi e que a lenta agonia e a situação-limite vividas pelo pelo protagonista, definiram o seu olhar agudo sobre um destino, ao abrir suas confissões logo no início: “Envelheci hoje a minha vida inteira”. E para não sucumbir ao império das Parcas, Francisco escreve para não esquecer e para não esquecer-la. E ao abordar o fértil tema da perda e da morte, mergulha numa instigante discussão acerca do amor e da vida.

Obra prima de um autor inventivo e versátil, que trata dos dramas pessoais com uma potência sensorial, uma carga emotiva, em linguagem depurada e extremo rigor estético, “A definição do amor” assegura o lugar de Jorge Reis-Sá entre os mais sensíveis estilistas da língua portuguesa.



### ANA MIRANDA NA ANE

**A** premiada romancista Ana Miranda foi a palestrante da Quinta Literária de 18 de agosto de 2016, discorrendo sobre a vida e a obra de outra grande escritora cearense, Rachel de Queiroz. Ana deu à sua palestra o título RACHEL DE QUEIROZ E A LUA DE LONDRES, numa alusão ao importante livro de crônicas de sua ilustre conterrânea. Após a apresentação, Ana Miranda respondeu a várias indagações dos presentes e confraternizou com os associados e amigos da ANE, em coquetel realizado no foyer do Auditório Cyro dos Anjos.

## PADRE EDGAR

*Emanuel Medeiros Vieira*

Em memória do querido e sensível amigo, Padre Edgar de Oliveira – humanista integral, cuja obra ficará (para sempre)

Já disseram que amigo é uma forma que Deus encontrou para nos proteger.

Talvez alguém já tenha observado: Deus chama Mozart quando quer conversar com os anjos.

Ou Bach? Não seria Beethoven?

Perdemos o contato, Padre Edgar.

A vida, mudanças de cidade, o “velho” Tempo seguindo sua jornada. E vamos envelhecendo.

Mas o que seríamos sem MEMÓRIA?

1964 não foi um ano bom para nós dois, querido Edgar.

Para muitos? Sim. Houve uma espécie de “exílio interno” para ti e te visitei em São João Batista – tua terra natal.

Depois, anos mais tarde, ele foi “concedido” (o tal exílio) a mim.

Antes, na colônia dos padres jesuítas em Pinheiral (fazia o antigo Ginásio no Colégio Catarinense), aos 13 anos também fui te ver, com amigos, numa carroça (sim, todos nós enfiados numa carroça), e lembro que levei laranjas e tangerinas.

Poderia falar muito.

Um dos momentos mais pungentes e tocantes que pude presenciar foi o teu discursos (tuas tão humanas palavras) no velório do meu saudoso irmão Luiz.

Estavas tão comovido (era abril de 1986) que “abraçaste” o caixão e disseste: “Sei, amigo Luiz, que teus últimos tempos foram um verdadeiro calvário”.

E choraste. Choramos.

Mas, evangelizador que eras – em tempo integral – , nunca desististe.

E, com o teu espírito agregador, acolhias a todos: cristã, ateus, agnósticos.

Tanto para contar.

Perdoa homenagem tão superficial.

Sei que teu nome e tua obra ficarão para sempre, que o teu “instante” não foi provisório – foi eterno.

Escuto o “Réquiem” de Mozart.

Tua obra foi de uma generosidade imensa.

Um ato de fé na vida.

E como precisamos desta fé, em tempos tão doloridos, desencantados e mercantilizados.

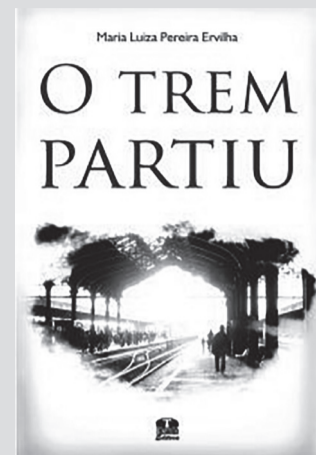
“A arte de perder não é nenhum mistério”, escreveu a poeta Elizabeth Bishop.

Só digo adeus, Padre Edgar.

E OBRIGADO POR TUDO!

(Brasília, junho de 2016)

## Conheça a literatura de Brasília



**O TREM PARTIU**  
Maria Luiza Pereira Ervilha  
R\$ 35,00 - 184 páginas



**LETRA MORTA, LETRA MORTAL**  
Valdir de Aquino Ximenes  
R\$35,00 - 180 páginas



Luiz Carlos Guimarães da Costa

**HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILIENSE**  
Luiz Carlos Guimarães da Costa  
R\$50,00 - 440 páginas

ACESSE NOSSO SITE:

**WWW.THESAURUS.COM.BR**

**Frete grátis para todo o Brasil**

**Ou ligue: (61) 3344-3738**

# BIOGRAFIA LAPIDAR, BIOGRAFADO GENIAL, BIÓGRAFA EXEMPLAR

Fabio de Sousa Coutinho

**H**aviam decorrido, então, exatos vinte e oito anos da morte de Machado, e o inigualável escritor, o maior de todos, ainda não tinha merecido uma obra como a que Lucia Miguel Pereira produziu com mão de refinada esteta, admiração de leitora encantada e perspectiva crítica de superior conhecedora da vida e da obra de seu luminoso personagem.

Antes do livro pioneiro de Lucia, surgiram diversas manifestações de apologia e louvação machadiana, mas nenhuma que pudesse ostentar a condição de biografia intelectual do gênio literário brasileiro. Em 1899, numa contundente resposta a críticas injustas e preconceituosas a Machado de Assis, Lafayette Rodrigues Pereira, sob o pseudônimo de Labieno, produziu e publicou, nas páginas do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, *Vindiciae – o Sr. Sylvio Romero*. O impacto da contradita (em português, Vinganças) foi arrasador, a ponto de, morto o Presidente e fundador da Academia Brasileira de Letras, em 1908, Lafayette ser eleito, no ano seguinte, para sucedê-lo na Cadeira nº 23 da gloriosa instituição. Mas *Vindiciae* é apenas uma pronta e firme contestação a um ataque motivado pela importância que Sylvio Romero, em livro de 1897, desejava que tivessem Tobias Barreto e a chamada Escola do Recife em face de Machado. Labieno, com verve e erudição, provou que a pretensão de Romero era infundada, descabida e parcial.

Poucos anos após o falecimento de Machado de Assis, em 1912, para ser preciso, seu amigo Alcides Maya, fino escritor gaúcho, dedicou-lhe um precioso ensaio, focado na forte influência inglesa que marcou as principais obras machadianas, mais especificamente o ciclo virtuoso que se iniciou em 1880, com a publicação, inicialmente na *Revista Brasileira*, das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Intitulado *Machado de Assis – algumas notas sobre o humour*, o livro de Maya nasceu com o destino selado: seria, para sempre, um clássico dos estudos machadianos, um rigoroso apanhado das decisivas influências que William Shakespeare, Jonathan Swift, Laurence Sterne (mormente este), Charles Dickens e William Thackeray exerceram sobre Machado, diferenciando sua obra de tudo o que existia até então em nossa literatura, precisamente pela força do humor, da ironia, do sarcasmo, do riso castigando os costumes, da observação psicológica, da corrosividade, da ausência de qualquer ilusão sobre os homens. Em 2015, com apresentação do acadêmico e professor Alfredo Bosi, o *Machado de Assis* de Alcydes Maia foi relançado, em terceira edição (a segunda saíra em 1942), pela ABL, na Coleção Afrânio Peixoto.

Entretanto, Alcides Maya não escreveu uma biografia. Seu livro é de extração ensaística, de qualidade rara, mas um ensaio. Na mesma categoria se inserem os ensaios críticos de Araripe Júnior, cobrindo o período de 1895 a 1900, em que o cearense analisa e interpreta, com visão de *expert*, o alcance da obra machadiana, que, naquele momento, já abarcava os três romances que dela fizeram conjunto insuperável de criação romanesca: o mencionado *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que saiu em livro em 1881, *Quincas Borba*, de 1891, e *Dom Casmurro*, de 1899. Mas Araripe, a exemplo de Alcides Maya, não foi biógrafo de Machado de Assis. Interpretou sua obra de modo impecável, teve a nítida percepção de que se estava diante de uma nova estética na Literatura Brasileira, porém não biografou, na medida clássica da expressão, o imenso vulto que marcou nossas letras de modo tão avassalador.

Quem mais se aproximou de fazê-lo, quem ficou mais próximo de uma biografia de Machado, antes de Lucia Miguel Pereira, foi Alfredo Pujol, numa série de sete conferências, proferidas ao longo de quase três anos, de novembro de 1915, a primeira, a março de 1917, a sétima, na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo. Alguns meses após a última, editou-se o volume reunindo todas elas, com o título de *Machado de Assis – Conferências*, sob a égide da Typographia Levi. Recentemente, em 2007, o livro de Pujol foi republicado em caprichada coedição da Academia Brasileira de Letras e da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Advogado e bibliófilo, dono de estupenda biblioteca, Alfredo Pujol se tornara, pela leitura incessante, admirador incondicional da obra machadiana. Suas conferências têm, portanto,

as características da paixão, do culto à memória de Machado de Assis, do amor de um autêntico precursor dos biógrafos machadianos. Paciente, determinado e dedicado, Pujol percorreu nas suas célebres sete conferências, livro após livro, toda a produção de Machado, num trabalho sem descanso de divulgação e afirmação, iniciado quando eram decorridos apenas sete anos da morte de Machado de Assis e ainda sob o impacto da crítica destrutiva e negativa de Sylvio Romero, não obstante já ter sido contraditada por Lafayette Rodrigues Pereira, Araripe Júnior e José Veríssimo. Aqui, de novo, não se tratou de uma biografia no sentido técnico, e sim de um preito de reverência, da palavra pronunciada com riqueza de informações concretas e incontestada veneração, enfim, das impressões descritivas de um leitor genuinamente apaixonado.

Por volta de 1932, surgiram os livros de Fernando Nery, Vianna Moog, Mário Casasanta e a reedição, em Minas Gerais, do *Vindiciae*, de Lafayette Rodrigues Pereira. Em 1935, outro gaúcho, Augusto Meyer, publicou seu revolucionário ensaio machadiano, livro de alto quilate, reeditado algumas vezes em décadas posteriores. Meyer pôs em relevo o lado demoníaco, subterrâneo, de Machado, traduzido em amargor e ódio à vida, toda uma filosofia niilista e trágica a envolver seus contos e romances de uma atmosfera densa de pessimismo e derrotismo.

Biografia mesmo, na acepção mais estrita e corrente do termo, foi Lucia quem primeiro fez. Com o subtítulo *Estudo Crítico e Biográfico*, ela soube mostrar Machado de Assis como um complexo e humaníssimo personagem brasileiro e deu à sua obra uma interpretação de cunho psicológico, social e cultural que até hoje, dezenas de biógrafos, dúzias de biografias e centenas de interpretações depois, permanece como referência inafastável nos estudos machadianos.

Em uma antológica sucessão de capítulos (vinte e um, no total) e passagens memoráveis, lastreada em longo período investigativo e produzida com absoluto domínio de recursos estilísticos, Lucia Miguel Pereira evidenciou, no seu primeiro grande livro, que não haverá, em nossa literatura, uma biografia dessa natureza – biografia e estudo crítico de um puro homem de letras.

Lucia fixou, para a eternidade, a vida de um mestiço de origem humilde – filho de um mulato carioca, pintor de paredes, e de uma imigrante lusitana da Ilha dos Açores – que, tendo frequentado apenas a escola primária e sido obrigado a trabalhar desde a infância, alcançou alta posição na burocracia e obteve a consideração social numa época em que o Brasil era ainda uma monarquia escravocrata. É certo, e justo frisar, que, graças às tendências literárias do Imperador Pedro II, o valor intelectual era então mais acatado, em comparação com o econômico e, até mesmo, com os valores hereditários.

Autodidata, Machado se formou na Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura (localizada na Rua Luís de Camões, nº 30, no centro da cidade do Rio de Janeiro), valendo notar que, na presidência de Machado de Assis (1897-1908), a ABL veio a realizar várias sessões solenes, de posse e de saudade, no Real Gabinete Português de Leitura. Foi a volta triunfal de Machado às suas mais caras origens culturais, ao berço de sua prodigiosa ascensão intelectual e social.

Aprendiz de tipógrafo e, depois, revisor, tudo Machado de Assis aprendeu por si. E pelo esforço próprio foi erguendo o espírito e depurando o gosto de tal modo que aos 42 anos, ao publicar em livro as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, se apresentou perfeito na forma, sem vestígios do autodidatismo e da falta eventual de um ambiente familiar socialmente elevado. Foi precoce – seu primeiro poema data dos 16 anos –, triunfou cedo, viu-se consagrado, como poeta, aos 25 anos, com *Crisálidas*, fez a sua evolução dentro de uma época literariamente convencional, viveu sempre no Brasil, longe dos grandes centros da civilização literária, prodigalizou-se em colaborações jornalísticas, obteve um êxito prematuro em contos ainda balbuciantes e romances sem originalidade, julgou-se, talvez, principalmente poeta – e nenhum desses fatores negativos o prejudicou e nada impediu a eclosão, quase súbita, da obra novelesca de língua portuguesa mais reveladora de genial poder de análise psicológica.

Como demonstra Lucia Miguel Pereira, o poeta parnasiano das *Ocidentais* não é, sem dúvida, desvalioso, e quem escreve o soneto *A Carolina* – a mulher de Machado, a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novais, que tão beneficentemente influiu na sua vida – merece figurar em qualquer antologia da lírica em nosso idioma. Mas é tão excepcional o valor do contista e do romancista que o brilho de sua estrela poética empalidece, aos olhos de sua primeira e mais importante biógrafa. Também o seu teatro ficou na sombra.

Nunca se deu, aliás, é também Lucia quem registra, na Literatura Brasileira, e muito raramente em qualquer literatura, um fenômeno como o de Machado de Assis, que, quase de repente, já na maturidade, se pôs a fulgurar com brilho próprio e tão intenso que passou a ser, e ainda hoje o é, o mais original escritor do Brasil. Antes dos 50 anos, pôde ser celebrado pelos contemporâneos como “o primeiro de todos”, “o único” – e, se não é o único, numa literatura que conta alguns valores absolutos, é, pelo menos, o maior escritor brasileiro de todos os tempos, o mais extraordinário contista da língua portuguesa e um dos raros romancistas de interesse universal, como o atestam as traduções das suas obras mais representativas para os principais idiomas cultos, sem que haja influído nessa referência a atualidade dos seus livros, mas, sim, a perenidade de sua quase ferina análise da alma humana.

Para Lucia Miguel Pereira, as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e o *Dom Casmurro*, sem a menor dúvida, mas também *Quincas Borba*, *Esau e Jacó*, de 1904, *Memorial de Aires*, de 1908, e muitos dos contos de Machado, incluídos em *Papéis Avulsos* (1882), *Histórias Sem Data* (1884), *Várias Histórias* (1896) e *Páginas Recolhidas* (1899), dão-lhe o direito de ocupar o topo da literatura brasileira, pela originalidade da concepção, pela agudeza dos conceitos, pela penetrante análise dos sentimentos e pela perfeição do estilo sóbrio e conciso numa literatura derramada. Mas, segundo Lucia, só a capacidade criadora, que permitiu a Machado de Assis subtrair as personagens dos seus melhores romances e contos às contingências de tempo e de lugar, tornando-as emblemáticas das paixões humanas, consideradas em absoluto, poderia fazer dele o escritor colossal que é.

Machado teve em Lucia Miguel Pereira uma biógrafa que o honrou sobejamente, produzindo uma obra notável, uma “pesquisa biográfica e crítica da melhor qualidade”, no dizer abalizado e culto de Astrojildo Pereira, ele mesmo autor de primoroso livro de ensaios machadianos, sob o enfoque próprio de sua visão materialista das relações sociais, saído do prelo em 1959, ano da morte de Lucia.

Em dezembro de 1936, ao completar 35 anos de idade, Lucia Miguel Pereira acabava de ser consagrada como escritora, circunstância que premiou seu monumental esforço de leitura, interpretação e divulgação da obra machadiana. Exercia, também, em caráter regular, a crítica literária nas páginas do *Boletim de Ariel*, posição que manteve até 1937.

No plano pessoal, celebrava o delicioso início de uma relação amorosa e conjugal com Octavio Tarquínio de Sousa, naquilo que seria o ponto mais alto da existência de dois seres de exceção: vida de paz, de mansidão, de estudo, de recolhimento, “vida de reciprocidade no amor pelos esponsais do sangue”, nas palavras irretocáveis de Alceu Amoroso Lima.

O reconhecimento público de Lucia, já tratada como ensaísta das mais vigorosas de uma geração de expoentes, veio com a atribuição, à sua formidável biografia machadiana, do maior prêmio literário da época, concedido pela Sociedade Felipe d’Oliveira, fundada em 1933 e composta por quinze intelectuais brasileiros de primeira grandeza, naqueles idos. A última edição revista por Lucia Miguel Pereira foi a quinta, de 1955. Nela, a exemplo das quatro que a antecederam, o parágrafo final se manteve intacto, contemplando a síntese das sínteses, jamais superada, sobre o magnífico biografado:

“À medida que vai recuando para o passado, sentimos melhor o que representa para o Brasil esse mestiço que tanto elevou a sua gente e o seu país, a pureza dessa personalidade que paira sobre a literatura brasileira como um símbolo da nobreza do pensamento e do poder do espírito.”

# RODOLFO ALONSO, O FABRICANTE DE ENCANTOS

Adelto Gonçalves

## I

Depois de conhecer *Antologia Pessoal*, do poeta argentino Rodolfo Alonso, edição bilingue, com traduções de José Augusto Seabra (1937-2004), Anderson Braga Horta e José Jeronymo Rivera (Brasília, Thesaurus Editora, 2003), o leitor brasileiro tem a oportunidade de entrar em contato com *Poemas Pendentes*, do mesmo autor, igualmente em edição bilingue, com tradução de Anderson Braga Horta e apresentação de Lêdo Ivo (1924-2012), que acaba de chegar ao mercado pela Editora Penalux, de Guaratinguetá-SP.

Um dos maiores poetas latino-americanos do nosso tempo, Rodolfo Alonso tem tudo para ser o primeiro argentino a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura, mas, a exemplo de Jorge Luis Borges (1899-1986), Julio Cortázar (1914-1984) e Ernesto Sabato (1911-2011), corre o risco de ser igualmente esquecido pela Academia Sueca, que, na América Latina, premiou Gabriela Mistral (1945), Miguel Ángel Asturias (1967), Pablo Neruda (1971), Gabriel García Márquez (1982), Octavio Paz (1990) e Mario Vargas Llosa (2010).

## II

Na contracapa, há um texto de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) em que o poeta diz que Alonso não usa as palavras pela sensualidade que desprendem, mas pelo silêncio que concentram. Mais: que “sua poesia tenta exprimir o máximo de valores no mínimo de matéria vocabular, impondo-se por uma concisão que chega à mudez”.

Quer dizer, depois de uma apresentação como essa, não há muito para um resenhista o que acrescentar. Mas ainda vale a pena reproduzir o que Lêdo Ivo no prefácio disse dele, a quem chamou, com incontestável precisão, de “fabricante de encantos”: nesta coletânea, os poemas se exibem sempre em sua nitidez e concretude, com a rigorosa face imagística.

Lêdo Ivo, outro grande poeta esquecido pela Academia Sueca, aponta para o pano de fundo que cerca a poesia de Rodolfo Alonso, dizendo que sempre aponta para “uma era de emergências e turbilhões do século XX, como seu extenso catálogo de colisões e mudanças”. É o que se pode ver neste trecho do poema mais extenso desta coletânea, “Ocupem-se de Arlt”, de 1977, em que ele homenageia o romancista Roberto Arlt (1900-1942), que, em tão pouco tempo de vida, criou obras fundamentais, como *Los siete locos* (1929), um romance sobre a impotência do homem diante da sociedade que o oprime e obriga a trair seus ideais e a aceitar a hipocrisia burguesa. Eis um trecho:

*Recordo a primeira vez que vi atuar a Aliança  
os primeiros noticiosos do pós-guerra  
rostos de homens mulheres meninos judeus quase sempre  
em ossos atrás de arame farpado  
os campos de concentração que nunca esquecerei  
como o inextinguível esplendor leproso do cogumelo de  
Hiroxima  
a primeira vez que foram me buscar no colégio um dia  
de chuva  
com um casaco para lançar-me aos ombros não tinha  
capa  
Recordo o barulho da chuva sobre o teto de um  
automóvel dentro  
do qual sou um menino que sobe pela primeira vez  
num carro  
quando havia poucos carros  
e descobre ambas as coisas  
a intimidade de um interior em movimento a intimi-  
dade da chuva a cara íntima que a cidade dá à chuva no outo-*

*no o prazer de escutar chover sobre um teto*

*Recordo a impossibilidade da prosa para contar tudo isso  
Recordo estas duas linhas de Rafael Alberto Arrieta  
("Sol da manhã/ glória do inverno")  
lidas num de meus primeiros livros de leitura  
nas quais sem dúvida descobri a poesia  
por experiência própria  
e de uma vez para sempre  
Quisera vir a ler outra vez Os sete loucos (...)*

Para o leitor brasileiro – pouco conhecedor da história argentina –, o tradutor Anderson Braga Horta lembra que a Aliança aqui citada é uma referência ao violento grupo de extrema direita Alianza Libertadora Nacionalista, muito ativo à época do primeiro período do governo de Juan Domingo Perón (1895-1974), que vai de 1946 a 1955. Acrescente-se aqui que Rafael Alberto Arrieta (1889-1968) foi um professor e poeta que chegou a ocupar a presidência da Academia Argentina de Letras (1964), ligado ao modernismo do nicaraguense Rubén Darío (1867-1916), que nada tem a ver com o modernismo brasileiro, mas com a tendência francesa *art nouveau*.

Composto em parte por poemas mais antigos que não apareceram em livros anteriores e em parte por poemas recentes, alguns curtos, de duas linhas, mas não há kais, este livro traz ainda uma homenagem – a que poucos poetas brasileiros fizeram – à cantora brasileira Maria Bethânia, de 2007, em que se lê:

*(...) Há tom, há densidade,  
há gravidade, há timbre,  
há palavra que canta  
e há música que expressa  
a pulsação que sentes.  
Rege, Bethânia, ordena  
a poesia do mundo,  
torna o caos em sentido,  
a altura em canto fundo,  
e faz do intenso, alento (...)*

## III

Poeta, tradutor e ensaísta reconhecido internacionalmente, Rodolfo Alonso (1934) foi pioneiro na tradução para o castelhano na América Latina dos poemas de Fernando Pessoa (1888-1935), especialmente de seus heterônimos, e de grandes poetas brasileiros, dos quais era amigo, como Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes (1901-1975), Manuel Bandeira (1886-1968) e Lêdo Ivo.

Publicou mais de 30 livros. Traduziu poemas do francês, italiano e galego. Foi editado não só na Argentina como no Brasil, Bélgica, Colômbia, Espanha, inclusive em galego, México, Venezuela, França, Itália, Cuba, Chile e Inglaterra. Destacam-se as suas celebradas traduções de grandes poetas como Giuseppe Ungaretti (1888-1970), Cesare Pavese (1908-1950), Paul Eluard (1895-1952), Eugenio Montale (1896-1981), Charles Baudelaire (1821-1867) e Guillaume Apollinaire (1880-1918), entre outros.

Entre as distinções que recebeu, estão o Prêmio Nacional de Poesia e o Prêmio Único Municipal de Ensaio Inédito (por *La voz sin amo*), da Argentina, a Ordem Alejo Zuloaga da Universidade de Carabobo, na Venezuela, e Palmas Acadêmicas, da Academia Brasileira de Letras. Seu último livro de poemas, *El arte de callar*, obteve o Prêmio Festival Internacional de Poesia de Medellín, na Colômbia.

Seu arquivo pessoal (textos e fotos) encontra-se em fase de catalogação na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. Recentemente, foi lançada em inglês *The art of keeling quiet* (Salt, Cambridge, 2015). Na França, saíram no

mesmo ano *L'art de se taire*, com prólogo de Juan José Saer (Paris, Reflet de Lettres), e *Dernier tango à Rosario* (Paris, Al Amar) e está para ser lançado *Entre les dents*, com prólogo de Juan Gelman (Toulouse, Po&psy/Erès). Na Espanha, saiu em idioma galego *Cheiro de choiva* (Cangas, Barbantes, Cangas, 2015) e está prevista a publicação de *Tango do galego fillo* (Cangas, Rinoceronte). Dirigiu sua própria editora, com um catálogo de mais de 250 livros.

## Poemas de Alan Viggiano

### GEÔMETRA

Minha vida gira  
em ritmo de espiral  
ascendente.  
Presa ao fatalismo  
da mecânica.

Numa dessas voltas,  
julguei tangenciar  
a felicidade.  
E seguimos juntos  
paralelamente,  
unidos por um só traço  
no rumo do infinito  
onde nossas cabeças  
muitas vezes se tocaram  
e teus olhos  
exercitaram o ofício de estrelas.

A força centrípeta  
chegou com a madrugada.

### BUCÓLICA

A tarde inventa o azul nos longes de Goiás  
e o vento inventa sons de tempos de menino.  
Chuva lavando o sol. De azul tão pequenino,  
vem tanta nostalgia, ao sopro de trocais.

Essa triste trocal, não sei o que me faz  
com esse canto agudo, e monocórdio, e fino,  
lembrando emanações, além de um velho sino,  
pisa sobre a saudade, e canta mais e mais,

enquanto o céu goiano insiste em me mostrar  
esse pequeno azul que vem me anunciar:  
Minas Gerais se esconde atrás daquela serra.

O rio geme; a água flui; a vida corre.  
A tarde há de morrer; e enquanto ela não morre,  
meu sonho inventa “blues” nos ermos desta terra.

# OS CONTOS FANTÁSTICOS DE MACHADO DE ASSIS – I

Ronaldo Costa Fernandes

Vide o caso da teoria filosófica engendrada por Quincas Borba: a loucura, irmã do fantástico, dispositivo propulsor ou consequência febril, até ela mesma, a loucura, é fruto de elaboração mental e leva o crivo da cultura. É um ordenamento filosófico – onde subjaz o que todos nós já sabemos que é a crítica ao positivismo de forma irônica e até certo ponto grotesca. Não é um mero distúrbio mental. A proposta de Quincas Borba carrega em si a lógica do silogismo e opera no campo do mais requintado fruto do saber: o amor à sabedoria, a filosofia. Loucura lúcida, *ao vencedor as batatas*, Quincas erige um panteão ao fantástico através do instrumental mais sofisticado da cultura erudita ou não: o saber filosófico ou o saber filosofar. A lucidez dentro da insânia está em fazer a crítica cultural pertinente sob o invólucro do disparate especulativo de uso da dialética ensandecida.

Está patente nos contos fantásticos a expressão do poder. Em “O alienista”, pode-se observar que, em nome da ciência, Simão Bacamarte não só enfrenta o poder da Câmara como conta também com o poder da Coroa que envia tropa em seu auxílio. O embate entre Câmara x Casa Verde é um embate emblemático entre poder civil, emanado do povo, poder político x poder absolutista, repressor, seja em nome da Coroa, seja em nome do *saber*. Logo, poder e saber se igualam.

Muitos contos aparentemente fantásticos de Machado não podem ser enquadrados como tais. Alguns são meras piadas, casos fabulosos, o personagem tomado pela loucura, o sonho e o uso de outros recursos para chegar ao absurdo. Em “O dicionário”, é contada a história de um rei que, para conquistar a amada, impõe concursos sempre vencidos pelo poeta amado de Estrelada. Por fim, manda fazer um “dicionário” e que toda a população fale a língua do dicionário. Uma fábula sobre a arte, sobre o poder de construção de forma original. Não adianta fazer em versos antigos ou modernos porque o poeta da amada vence sempre porque constrói (mistura as palavras) de forma original. Em Machado, é constante a preocupação com a criação (ver outros contos como “Cantiga de Esponsais”). *O arredio* também se encontra na mesma categoria (o personagem expressa-se verbalmente de maneira original, mas não tem disciplina ou desejo de escrever, até que envelhece e perde a verve inicial).

Dentro do mesmo esquema anedótico este “Ideias de canário”. O narrador encontra um canário falante num belchior. Compra-o, porque além do mais o canário é filósofo, tem concepção da realidade. O mundo para ele é onde vive, o belchior. Ao ser comprado pelo narrador, o mundo passa ser a gaiola e a casa do narrador, que fica encantado com um canário falante e que filosofa, embora desconheça palavras como infinito, azul etc., pois sua realidade é muito restrita. Responde sempre que tudo o mais é ilusão e mentira.

“Lágrimas de Xerxes” é uma curiosa narrativa em que Frei Lourenço, recusando-se a casar Romeu e Julieta sob o firmamento, a céu aberto, e não no altar da igreja, conta a história das lágrimas do persa Xerxes que domina o mundo, mas chora e os ventos são testemunhas das suas lágrimas. Os ventos, indecisos, vão perguntar o que fazer com a lágrima de Xerxes ao sol e à lua. A lua deseja que ela se converta em estrela. O sol concorda que se converta em estrela, sem antes desdenhar da pieguice e melancolia da lua (percebe-se toque de inveja do sol). Mas esta estrela que o sol propõe deve ser irônica. O tom de apólogo ou fábula ou parábola está na fala do frade que não quer casar Romeu e Julieta ao ar livre. Ora, o tom é realista, porque o irreal é fruto da parábola do frade. Mas, por sua vez, a parábola do frade é literária, não é real. Refere-se a uma realidade literária. Por fim, estrela de ironia ou piedade, como diz Julieta, o que ela deseja é que o padre os case.

Em “A chinela turca”, é significativo que o narrador termine o conto afirmando que está no indivíduo maior interesse que no espetáculo. “Um bom negócio e uma grave lição: provaste-me ainda uma vez que o melhor drama está no espectador e não no espetáculo.” O conto se refere a uma visita de Major Lopes Alves que adentra a casa do bacharel Duarte que está se preparando para uma festa onde encontrará seu amor. Sonha com vê-la e dançar com ela. A visita inesperada o atrasa, irrita-se, a visita quer lhe ouça uma peça de teatro. Começa então a maçante leitura dos atos da peça, enquanto que Duarte dorme durante a leitura. No sonho, é perseguido pela acusação de roubo de uma chinela. O intrigante é que o personagem não estranha estar num mundo desconexo e implausível que se modifica a cada momento, sem lógica causal. Foge então Machado do fantástico puro, do fim do século XVIII e do romantismo francês e alemão do século XIX, que cria a indecisão do acontecido seja no leitor, seja no personagem que vive a ação. O fantástico também incorpora a criação de um mundo extraordinário. Só mais tarde é que, ao final, deixará a dúvida no leitor e no personagem. Aqui a dúvida é desfeita e explicada pelo sonho. O importante é que Machado centra no personagem o delírio e coloca a realidade em segundo plano. Se interpretarmos a realidade como esse “espetáculo” de que fala o narrador, teremos a realidade do personagem como o verdadeiro espetáculo, ou seja, o mundo interior, o universo da subjetividade, o mundo do sonho e da irrealidade do inconsciente é que é o espetáculo único e verdadeiro.

Há uma certeza neste conto: o personagem, seja acusado pelo roubo, seja obrigado a casar, ele sempre está na defensiva. É um homem fantasticamente acuado. Em vez de proceder à ação fantástica é receptor da ação dos efeitos da agitação absurda.

“A moça abaixou os olhos; Duarte respondeu que não tinha vontade de casar.

– Três cousas vai o senhor fazer agora mesmo, continuou impassivelmente o velho: a primeira é casar; a segunda escrever o seu testamento; a terceira engolir certa droga do Levante...

– Veneno! interrompeu Duarte.

– Vulgarmente é esse o nome; eu dou-lhe outro: passaporte para o céu.” (p. 301)

Também nos contos há a fase romântica e a fase realista. É só a partir da publicação, em 1882, do livro de contos *Papéis Avulsos*, um ano após *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que Machado coloca seus contos na galeria dos recortes irônico-realistas. Já antes publicara em revistas alguns contos fantásticos, como, por exemplo, “Uma excursão maravilhosa”, de abril-maio de 1866. E é justamente quando em plena consciência do seu ingresso no mundo da narrativa não-romântica que Machado se sente atraído por expressar em livro o lado absurdo. Adeus aos bons costumes e mulheres que renunciavam nobremente a seus amores como em *Iaiá Garcia* e *Helena*. E embora saibamos que Machado tinha certa resistência ao naturalismo “encatarrado” como se apresenta em *Primo Basílio*, de Eça de Queirós, é logo nesta segunda etapa estética que o Bruxo do Cosme Velho se fascina pelo delírio, as releituras/reescrituras das passagens bíblicas e outros comportamentos do fantástico.

São componentes da estrutura do mundo cultural, mesmo que às avessas, os contos “O dicionário”, “Ideias de canário”, “Lágrimas de Xerxes”.

Os contos de *Outros contos*, publicados em revistas, desde 1864, são geralmente contos longos, que lembram o Machado do início como *Contos fluminenses* (1870) e *Histórias da Meia-noite* (1873).

Em “Uma excursão maravilhosa”, de abril-maio de 1866, Machado coloca o jovem poeta Tito, sonhador, escrevendo versos, alugando sua pena, para “um sujeito rico com fama de poeta”. Um dia apaixona-se e é rejeitado. Em seu quarto, encostado à cama, pensa em suicídio e viagem, o primeiro ato era sanguinolento e ele descartou e o segundo não tinha como empreender com seus poucos recursos. É quando lhe bate à porta a fantasia. O narrador transfere para o personagem a voz narrativa. Tito conta então uma viagem fantástica ao reino de Quimera, onde se fabricam massas químicas para poetas e políticos sonhadores. É um conto com bastante ironia. Ingressa no maravilhoso e, como no delírio de Brás Cubas, faz uma viagem fantástica. Só que aqui não há nenhuma explicação para ingressar no reino do maravilhoso a não ser recostar-se e sonhar. O país da Quimera produz ainda utopias e modas. É uma sátira social, ao estilo do apólogo.

Ao estilo de “O espelho”, em “Um esqueleto” o narrador conta um caso assombroso a um grupo de pessoas. É a história de um homem que convive com o esqueleto de sua ex-mulher. O Dr. Belém coloca o esqueleto da primeira esposa que ele matou por ciúme na mesa, junto com o novo cônjuge, que por sua vez vive horrorizada. “Estava-se em pleno Hoffmann”, diz o narrador referindo-se à atmosfera fantástica, que é desfeita porque o narrador, ao final, brinca e afirma que tudo daquilo não aconteceu, “eu quis apenas fazer apetite para tomar chá. Mandem vir o chá.” Sendo apenas uma brincadeira de salão, refugio a narrativa, só deixando o registro de sua existência.

O conto “O imortal” se inscreve na série dos contos jocosos de Machado. Há certa concordância com outras narrativas. Novamente, Machado coloca um grupo fechado de ouvintes, desta vez, o coronel Sicrano e o boticário Fulano, ouvintes da narrativa surreal. Quanto à questão do fantástico, o conto pode ser incluído na categoria, pois, ao final, o narrador deixa a dúvida se a narrativa é real ou não, se a narrativa não se propunha apenas a reafirmar a homeopatia, da qual o médico-narrador fazia apologia ou se o narrador queria apenas aplacar o medo ancestral da morte que assustava a dupla de ouvintes. Ao mostrar a imortalidade como enfado e repetição de situações, o pai do narrador, que é o personagem principal da história (o imortal) toma a última parte da beberagem que o fizera eterno (logo, a beberagem é o elogio da homeopatia) e, por fim, morre. Mas, como é apresentado de maneira ligeira e com certo ar de galhofa, fica-se numa outra dúvida: não seria o conto apenas divertimento para os leitores das páginas femininas das revistas da época? É, claro que sim. O que não impede que o conto seja levado “a sério” por nós. Não há muita originalidade no tema, que até hoje persiste (vide Saramago com o seu *As intermitências da morte*) e trabalha com o nosso imaginário e modelo arquétipo, a inconformidade com o efêmero da vida. Se Machado não o incluiu em algum de seus livros de contos é porque não o via, certamente, com algum valor literário, principalmente porque nesta época já estavam escritos “O alienista”, entre outros.

Em “O anel de Polícrates”, em que Machado faz a crítica do homem sonhador (é curioso observar que Machado é ambíguo em relação à fantasia: ora ironiza, quase ridiculariza, ora a vê de forma gentil e delicada) o personagem é Xavier. Aqui, Machado enumera, ao listar as experiências de Xavier, as características dos seus contos fantásticos. Para o personagem A, em Xavier se pode encontrar “o raro, o esquisito, o maravilhoso, o indescritível, o inimaginável”. Aí está o fantástico machadiano. A primeira observação sobre este conto refere-se a que Xavier não é apresentado por um narrador impessoal ou relata sua própria experiência. Xavier é visto, num estranho diálogo, por intermédio dos olhos de um personagem. Ou seja, Xavier é uma visão de segundo grau. É relato de um relato. É visão e relato de alguém que não só apresenta, mas o julga. Nesse tudo cabe, em termos de fantasia. Este dado é pertinente para nossa análise: o personagem já não é senhor do espetáculo, mas outro ser passivo – é a visão de um personagem. Tanto é a visão particular de um personagem que o outro no diálogo discorda dele. Os personagens são nomeados com letras: A o acredita sonhador, Z o desconhece sonhador.

“Z – Você está enganado. O Xavier? Esse Xavier há de ser outro. [...]

A – Creio; esse é o Xavier exterior. Mas nem só de pão vive o homem. Você fala de Marta, eu falo-lhe de Maria; falo do Xavier especulativo...

Z – Ah! – Mas ainda assim, não acho explicação; não me consta nada dele. Que livro, que poema, que quadro...”

Até agora pudemos observar que há personagem que *sofrem* a ação do fantástico como o bacharel Duarte no conto “A chinela turca” e aqueles que *provocam* a ação do fantástico como Xavier neste conto. Alguns poderiam dizer que os personagens até aqui são promotores do fantástico, em virtude da fantasia e do sonho, e ao mesmo tempo são vítimas de sua própria produção do fantástico.

Esse conto aponta outra questão recorrente nos contos fantásticos de Machado: a produção abundante da mente. A imaginação joga aqui um papel importante. Mas quase sempre Machado opõe imaginação fértil x produção literária frágil. Geralmente o personagem é exuberante em citações, em descobrir achados até mesmo filosóficos, a ter boa oratória, ideias extravagantes, mas é impotente para escrevê-los. Nem sempre, contudo, o personagem deseja escrever. Há um hiato entre escritura e pensamento e muitas vezes a escritura não é buscada, o personagem se basta com a imaginação transbordante. Não é o caso, porém, de suas narrativas – e mesmo contos como “Cantiga de Esponsais” – em que o personagem busca transcrever sua inspiração para o papel infrutiferamente. Este personagem delirante, de imaginação fervilhante, é que leva o conto para o patamar do fantástico, ou seja, o fantástico se dá por intermédio agora não do sonho (a não ser que se encare o sonho como imaginação), mas por meio de uma exultante e incontrolável produção do espírito criativo. A imaginação criativa poderia levar o personagem a pensar uma obra – peça de teatro, poema ou conto – de viés “realista”, mas não. Geralmente, o personagem desse calibre aventura-se no reino das musas mais extravagantes e desconcertantes.

“Bebia pérolas diluídas em néctar. Comia línguas de rouxinol. Nunca usou papel mata-borrão, por achá-lo vulgar e mercantil; empregava areia nas cartas, mas uma certa areia feita de pó de diamante. [...] Um dia enamorou-se loucamente de uma senhora de alto coturno, e enviou-lhe um mimo três estrelas do Cruzeiro, que então contava sete, e não pense que o portador foi aí qualquer pé-rapado. Não, senhor. O portador foi um dos arcanjos de Milton, que o Xavier chamou na ocasião em que ele cortava o azul para levar a admiração dos homens ao seu velho pai inglês. Era assim o Xavier. Capeava os cigarros com um papel de cristal, obra finíssima, e, para acendê-los, trazia consigo uma caixinha de raios de sol.” (Continua)

# UM LIVRO MÍSTICO OU MÍTICO?

João Carlos Taveira

**A**s *Lâminas do Tarô e os Doze Trabalhos de Hércules*, na verdade, constitui um desafio para o leitor apressado, que não só precisa desvendar o livro antes de qualquer entrega, como também compreendê-lo amorosamente na sua compactação estilística, mesmo depois de ter percorrido cada página, cada poema, cada palavra. A forma fixa às vezes assusta, pois no mundo de hoje a arte poética tornou-se mais fácil de ser absorvida quando se apresenta sem técnica, sem preocupação formal, sem compromisso estético.

Adotando os 21 trunfos do tarô, mais o curinga, Solidade Lima constrói um mosaico de filigranas, composto como se fora um tapete finamente tecido de sons e de palavras. E numa visita ao universo medievo, por intermédio de uma reinvenção simbólica, o poeta traz intactas as vicissitudes de um mundo moderno e arcaico ao mesmo tempo. A poesia, e só a poesia, tem esse poder revolucionário dentro da linguagem escrita. Metaforicamente, lembra-me das ousadias de Augusto dos Anjos.

Embora jovem, Solidade Lima, depois de uma série de livros escritos e de vários prêmios arrebatados pelo país afora, já é autor maduro e consolidado: conhece bem a língua de comunicação e as armadilhas provindas da escrita; e, aqui nesta seara, sabe safar-se com destreza e perspicácia de possíveis perigos gramaticais, na construção de seu discurso poético. Escolheu o soneto, invenção italiana do século XIII, para expressão do desatino verbal e encontrou nas cartas do tarô e na mitologia os arquétipos do seu espanto. Um visionário

moderno em busca do velocino de ouro. Mas talento não lhe falta.

O soneto — do italiano *sonetto*, pequena canção ou, literalmente, pequeno som — foi criado na primeira metade do século XIII, na Sicília, onde era cantado na corte de Frederico II da mesma forma que as tradicionais baladas provençais. Alguns estudiosos atribuem a invenção do soneto a Jacopo da Lentini, poeta imperial siciliano. Esse tipo de poema surgiu como uma espécie de canção ou de letra escrita para música, e possuía, inicialmente, uma oitava e dois tercetos, com melodias diferentes.

Algum tempo depois, o soneto evoluiu até atingir sua forma fixa hoje conhecida, ou seja, um poema composto de quatorze versos, sendo dois quartetos e dois tercetos, com rimas ou não. Há, ainda, os que invertem a disposição estrófica e os que buscam a tradição do soneto inglês (três quartetos e um dístico), praticado no século XVI por William Shakespeare, e aqueles que cultuam o soneto monostrófico, que apresenta uma única estrofe de quatorze versos. Há, também, alguns poetas que o praticam em metros menores e até sem metro algum. O certo é que há, entre nós, exímios (es)cultores de versos decassilábicos e alexandrinos, conforme a tradição italiana e ibero-americana.

Os modernistas de 1922 — que isso fique bem claro! — se insurgiram contra o soneto por uma questão muito simples: eles precisavam parecer modernos muito mais do que ser modernos; e, para isso, era preciso quebrar e pisotear algumas regras, principalmente as da ortografia

e as da gramática, atacar as formas fixas tradicionais e esculhambar de vez com o pensamento canônico brasileiro. E esse, a meu ver, foi o grande desserviço da Semana de Arte Moderna para as futuras gerações de poetas e artistas visuais, que levaram ao pé da letra todo aquele descompromisso com as tradições e com as normas vigentes. Hoje, pinta-se um quadro sem saber desenho, perspectiva, etc.; escreve-se um poema sem ter lido poesia, sem saber versificação e sem respeitar as normas cultas da Língua.

O presente volume está subdividido em três partes: “As lâminas do Tarô”, que apresenta 22 peças referenciais; “Os doze trabalhos de Hércules”, com poema para cada um deles, e “Sonetos”, que soma mais 54 unidades, perfazendo um total de 88 sonetos voltados para os temas propostos e que encontram na voz do poeta pernambucano radicado na Bahia a erudição precisa e o domínio técnico seguro para elevação de uma elegância sintática a serviço da estética e da beleza. Solidade escreve como quem compõe melodias. E a musicalidade de seus poemas deve-se, sobretudo, aos versos decassilábicos heroicos e, mais raramente, aos sáficos, mas ambos construídos com a mesma devoção artesanal e o mesmo cuidado de um ourives na confecção de uma joia rara.

Com este novo livro, o autor de *As Vestes do Tempo* se inscreve, sem nenhum favor, no restrito círculo de ouro da moderna literatura brasileira. E que venham a lume outros títulos, já que a maioria de sua obra ainda permanece inédita. Mas por pouco tempo — é o que os leitores de Solidade Lima esperamos, sem reservas e pra já.

## LILI

Gracia Cantanhede

**L**ili não é francesa, como o nome indica. Não é atriz, não é travesti. Também não é pessoa comum, que se vê por aí, em qualquer esquina. É mulher politizada, decidida, moderna e bem resolvida. Nem por isso, entretanto, deixa de ser comum, quando o assunto é amor. Está sempre apaixonada, assim, como foram nossas avós e nossas mães, nem um pouco diferente.

Lili trabalha, Lili estuda, Lili ama a arte, os livros, a militância política, e ama os homens. Se amasse alguma mulher não teria nenhum pudor. Sua formação intelectual e humanística lhe confere o direito de ser autêntica, plena, verdadeira.

Lili coleciona histórias de muitos amores. Primeiro foi um homem mais velho, com os olhos cheios de céu, azuis brilhantes e fogosos. Um intelectual nos seus trinta e cinco anos que encantou a mocinha de dezessete, quando ela queria mudar o mundo.

Namoraram por alguns meses até que ele foi embora, depois de formado. O mestrado dele terminou e o namoro também.

Lili sofreu, chorou, se descabelou. Como a música de Alejandro Sanz, de coração partido, esse maldito coração que inflama e derrete sem pedir licença.

¿quién me va a entregar sus emociones?

¿quién me va a pedir que nunca le abandone?

Outros amores foram e vieram. Muitos.

E Lili também é pessoa de afagar os amigos e a família.

Certo dia teve que sair às pressas com a cunhada rumo ao hospital onde nasceria o sobrinho. Lá, na sala de parto, conheceu um médico anestesista. Ambos com trinta e poucos anos, solteiros e a mesma vontade louca de se amarem muito.

Complicação na certa é ter namorado que passa as noites de plantão, cercado de tantas enfermeiras, médicas e tentações. Não durou mais do que um ano, o suficiente para ela jurar nunca mais querer um jaleco branco, no criado mudo, ao lado de sua cama. Jamais.

Lili, se lembra bem do bip tocando nos melhores momentos da convivência. Um jato de água fria para qualquer romance.

Esse médico era aquele tipo bem dotado, intelectualmente, não no sentido bíblico, porque aí era bem normal. Mas o intelecto do moço, com licença, ela explica, era nas alturas. Formado em física e medicina, com aprovação em todos os concursos que fez, sempre nas primeiras colocações.

Lili, perdeu de vista o pequeno gênio, mas dele carrega o gosto pelo desafio, a obstinação e a coragem de correr atrás dos objetivos. Nesse mundo de tantas voltas, ela reencontrou o primeiro amor na internet. Estão na fase da redescoberta, com a paixão virtual inflamando suas madrugadas de desejo, como antes, nas noites longas dos primeiros beijos dela e dos inesquecíveis lábios dele.

“Tiritas pa este corazón partío.”



# BANDEIRA SEMPRE

M. Paulo Nunes

Com a realização do 4º Festival de Violão que, em caráter nacional, em boa hora realizaram em Teresina os velhos amigos Cineas Santos e o maestro Erisvaldo Borges, e se constituiu no maior sucesso, em termos de promoção artística, tivemos entre nós a presença aliciante de uma figura feminina de renome, a delicada violonista croata Ana Vidovic, uma das três maiores do mundo, segundo a informação da crítica especializada.

Os cronistas de nossa capital, como Wellington Soares, só tiveram palavras de encantamento em louvor de Ana Vidovic, não somente para sua arte superior, como para sua graça espiritual e sua beleza. O mestre Santana neste particular se excedeu, desmanchando-se em elogios os mais pródigos. De sorte que tudo isto é mais um motivo para voltar a Bandeira, que foi, que continua sendo, que o será para sempre um dos maiores poetas líricos de nossa literatura. Fiz assim uma rápida releitura da obra do velho bardo, como ele se proclamava, neste final de semana, em homenagem àquele instante que vi-

vemos em termos de apresentação artística da mais elevada expressão.

E relendo-o, na edição de suas Poesias Reunidas, *Estrela da vida inteira*, da José Olympio Editora (1970), em louvor dos seus oitenta anos, ali me deparo, entre outros, com o estudo primoroso e pouco lembrado, hoje em dia, de Gilda e Antônio Cândido de Melo e Sousa, na Introdução, ao dizerem:

“Poucos poetas terão sabido, como ele, aproximar-se do leitor, fornecendo-lhe um acervo tão amplo de interesses pessoais desataviados, que entretanto não parecem bisbilhotices, mas fatos poeticamente expressivos. O seu feitiço consiste, sob este ponto de vista, em legitimar a sua matéria –, que são as casas onde morou, o seu quarto, os seus pais, os seus avós, a sua ama, a conversa com os amigos, o café que prepara, os namorados na esquina, o infeliz que passa na rua, o jogo ondulante do amor”. (Ob. cit., p. 111)

Eis aí o mistério: o jogo ondulante do amor é a grande lição ou a nota dominante da poesia de Bandeira.

E para concluir, pois é preciso concluir, transcrevemos um de seus sonetos mais perfeitos, o “Soneto Inglês nº 1”, de seu livro *Lira dos Cinquent’Anos* e com ele reverenciamos os devotos da grande poesia de Bandeira e da língua portuguesa:

“Quando a morte cerrar meus olhos duros,  
– Duros de tantos vãos padecimentos,  
Que pensarão teus peitos imaturos  
Da minha dor de todos os momentos?  
Vejo-te agora alheia, e tão distante:  
Mais que distante – isenta. E bem prevejo,  
Desde já bem prevejo o exato instante  
Em que de outro será não teu desejo,  
Que o não terás, porém teu abandono,  
Tua nudez! Um dia hei de ir embora  
Adormecer no derradeiro sono.  
Um dia chorarás... Que importa? Chora.  
Então eu sentirei muito mais perto  
De mim feliz, teu coração incerto.  
(Ob. cit., p.161)

Continuação da página 1

# O GÊNIO LOUCO DE DARCY

Edmilson Caminha

Poucos viveram tão intensamente quanto ele, entre a genialidade e uma espécie de cândida loucura (“doido manso que perdeu o rumo do hospício”, como se declarava Teotônio Vilela), senhor da capacidade prodigiosa de transformar o sonho em realidade, o pensamento em ação, a ideia em obra. Conviveu com os índios e fundou universidades, escreveu livros e chefiou ministérios, deu à pobre política brasileira a honra de ter no parlamento um intelectual com a sua grandeza. Em 1964, exilou-se para não morrer, e para morrer voltou em 1976, com o câncer que lhe devorava um pulmão: tirou-o (para que dois, se o outro lhe bastava?) e sobreviveu 20 anos, conforme garantira ao cirurgião que lhe dera poucos meses de vida. Mais do que narcisista (“tenho sede insaciável de elogios”, gostava de dizer), era um *darcysista* – na opinião dos amigos, com graça, e dos maledicentes, com despeito. Queria ser nada menos do que imperador do Brasil, e deve ter delirado com o que sobre ele disse Carlos Drummond de Andrade: “Darcy é um monstro de entusiasmo que nenhum golpe feroz arrefece, é um ser de esperança e combate. Sete Quedas acabou, mas Darcy é o cara mais Sete Quedas que eu conheço, e este aí, engenharia econômica nenhuma ou poder autocrático nenhum pode com ele. Darcy, caudal de vida.”

Ao receber, em 1978, o título de *Doutor Honoris Causa* da Sorbonne, fez um dos mais belos e comoventes discursos já proferidos naquela universidade, quando afirmou, com sabedoria e grandeza humana: “Fracassei em tudo que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria e fracassei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu.”

Darcy Ribeiro lutou, sonhou, perdeu, chorou, mas conheceu a felicidade suprema de amar – a vida, os amigos, e, sobretudo, as mulheres, como o sedutor irresistível cercado, sempre, por belas, inteligentes, char-

mosas, elegantes presenças femininas. Para a empresária e escritora Vera Brant, amiga fraterna, declarou que morria com a frustração de não tê-la levado pra cama: “Porque todo mundo acha que você deu pra mim, Verinha, e o pior é isso, não merecer a fama...”

Estive três vezes com Darcy, a primeira em 1978, na Livraria Ciência e Cultura, de Fortaleza, quando lhe pedi o autógrafo no romance *Maíra*. Ao saber-me estudante de medicina (péssimo, já resolvido a abandoná-la), lembrou-se de um índio que admirava: “Para Edmilson, futuro colega de Teyu, meu médico preferido, com um abraço. *Darcy*, Fortaleza, maio 78”.

Anos depois, vejo-o chegar, com belíssima jovem, a um restaurante lotado, em Copacabana, no momento em que pedíamos a conta. Chamo-o para que ocupe a mesa e me apresento como amigo do seu conterrâneo Cyro dos Anjos, ao que ele começa a contar, para mim e para quem mais quisesse ouvir:

– Você sabe que essa família dos Anjos não existia, foi criada pelo avô dele, que era apaixonado pela poesia do Augusto dos Anjos, sobrenome que deu aos filhos. Foi assim que surgiram os Anjos, em Montes Claros...

E continuou, animado pela atenção da plateia:

– Seu Antônio, o pai do Cyro, tinha um irmão que não era lá de fazer muita força... Dono de uma venda, passava horas em uma rede, que balançava ao bater com o pé no balcão. Quando alguém perguntava se tinha determinado produto, dali mesmo respondia: “Tem não, freguesa...” Sobre o balcão havia uma pirâmide de rapaduras, que ele gostava de comer. Para não se levantar e pegar uma, impulsionava a rede, tirava a dentadura, esfregava na pilha de rapaduras e punha de novo na boca, só pra ficar sentindo o gosto...

Reencontrei Darcy, já muito doente, no auditório da Academia Brasileira de Letras, em que ocupava a cadeira número 11. Findo o encontro de que participávamos, estende-me a mão e pede ajuda para levantar-se:

– Esse negócio de câncer é uma merda! Parece que a gente está com uma bola de chumbo na bunda...

Assim, irreverente e lúcido, sentia o que estava por acontecer: “Eu não tenho medo da morte. A morte é apagar-se, como apagar a luz. Presente, passado e futuro? Tolice. Não existem. A vida vai se construindo e destruindo. O que vai ficando para trás com o passado é a morte. O que está vivo vai adiante.”

Depois de 21 dias na UTI, fuge do hospital para a sua casa de praia em Maricá, na companhia de Irene, a namorada 37 anos mais nova. Quando lhe chegar a hora, deseja que os amigos o velem durante toda a noite, ao som do “Concerto para Violoncelo”, de Bach. O Dr. Aloysio Campos da Paz, do Hospital Sarah Kubitschek, lembrou-lhe: “Para você ter uma noite de velório, não pode morrer pela manhã, porque vão querer enterrá-lo à tarde.” Discutem a questão, e Darcy escolhe: morrerá às sete da noite. Entra em coma às nove da manhã do dia 17 de fevereiro de 1997, e o coração para de bater, exatamente, às sete da noite. É velado madrugada adentro no Salão dos Poetas Românticos da Academia, em que um quarteto de violoncelo, viola, flauta e violino tocava a peça de Bach, tudo conforme a sua vontade. Enterrou-se, aos 75 anos, com o fardão acadêmico, mas sem sapatos (pois gostava, como os índios, de andar descalço).

Darcy Ribeiro foi quixotesicamente louco, o bastante para amar o Brasil, para confiar em que, apesar de tudo, acabaremos por assumir o papel de sujeitos da nossa história, construtores do nosso destino. É a mensagem de esperança com que encerra um admirável livro que se chama, não por coincidência, *O povo brasileiro*: “Na verdade das coisas, o que somos é a nova Roma. Uma Roma tardia e tropical. (...) Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas, e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra.”

# A CANETA MÁGICA

Raul de Taunay

Não podendo o sempre durar para sempre, quando apanhei do chão aquela caneta tinteiro em laca negra, de ponta fina e adornos com banho de ouro, que jazia na rua, bem diante de mim, tive a nítida sensação de que as árvores que me cercavam começaram a sacudir suas ramas e que uma brisa mais forte e imprevisível veio como ventania, tirando os passarinhos de seu conforto e incitando-os a iniciar uma melodia densa de trinados e gorjeios. Os cães e as galinhas que viviam pelas residências daquela ponta do Lago Paranoá, tomados de surpresa, orquestraram de imediato uma sucessão de ladridos, uivos e cocoricós que aparentava alardear algo surpreendente que estaria prestes a acontecer. Como teria se formado aquele encantamento sonoro, ou o inesperado arrepio da natureza, eu jamais saberia dizer, no entanto vi-me levado tão logo a admirar o formato antigo daquele objeto abandonado e a limpá-lo com um lenço descoberto no bolso da calça, num gesto cuidadoso, praticamente humanitário, de quem resgata da imundice e do abandono uma antiguidade em ruína. Contudo, como a caneta não me pertencia, fui de casa em casa para perguntar se alguém a teria perdido, e, diante da absoluta e altissonante negativa de meus vizinhos, me deixei acarinhar aos poucos por aquela pena de escrever e a considerá-la minha por direito adquirido da mudez e indiferença histórica de meus análogos do Lago Sul. E assim determinou-se que, sem saber ao certo como tudo teria começado, ou sem mais pensar nas consequências de assumir um objeto encontrado no chão, peguei-o e fiz um rabisco numa folha para sentir a ponta e verificar o traçado de tinta que deixava no papel. Não sei bem o que aconteceu naquele instante – a tinta era escura e a ponta deslizou, suavemente, como se possuísse algum poder sobrenatural – mas

o fato é que a caneta começou a brilhar, como se fosse uma varinha de condão, feita de ouro e cristal, inundando meu escritório com um banho de luz que emanava da estrela irradiante que se formara em sua ponta. Como de mágica conheço pouco, levei um baita susto e me afastei do insólito fenômeno, porém, logo voltei para examinar melhor o que se passava – e, para minha surpresa, nada mais se passava de anormal. Em verdade, ali estava a caneta, quieta e parada, como se estivesse a rir-se de meu desatino ingênuo, daquele instante em que a imaginação parecia estar-me passando um trote. No entanto, não estava, pois tão logo agarrei a caneta novamente para escrever algumas palavras, ela se iluminou e desatou a escrever frases com tal rapidez que eu mal tive tempo de acompanhar o significado do que saía de meu próprio pulso. Quando consegui soltar a pena, olhei a página escrita e tive um arrepio ao perceber o início de uma história intrigante, narrada com clareza, num estilo particularmente instigante, a respeito de um homem que resolveu desafiar o destino e embrenhar-se no desconhecido de outras planícies e horizontes para sentir na pele uma nova aragem para o seu entardecer da vida, priorizando façanhas espumejantes em vez da tranquilidade do lar, e fazendo tremer a terra que lhe era calma para ouvir novamente o soar alto de badaladas que não escutava mais no peito. O vento da noite estrepitou pelas copas como tempestade, assustando um bando de aves que fazia no ar formações escuras e esvoaçantes, e um cheiro de moitas africanas emanou de dentro das folhagens como se antecipasse a ferocíssima batalha daquele homem contra os seus próprios desgarros. Peguei a caneta e guardei-a na mala que levarei para o continente africano. Nunca se sabe se vou dela precisar.

## A LITERATURA E O ÓBICE DA LÍNGUA

Gilmar Duarte Rocha

Há uma cena do filme *A vida de Brian* (1979), sá-tira épica estrelada pelo grupo de comediantes britânicos Monty Python, em que um personagem irrompe num discurso com um axioma existencial:

- Todos nós, como ser humano, somos indivíduo.

- Eu não! – retrucou um gaiato na plateia (gargalhada geral).

Tal assertiva, que nos parece óbvia, podem ser consubstanciada, materializada, com aquele exemplo de um membro de uma orquestra que toca com maestria todos os instrumentos de corda da sinfônica. Do violino à harpa; do contrabaixo à viola d'arco; do violoncelo ao violão.

O instrumento quieto, largado num canto dos bastidores, é tão-somente um objeto sem vida, qualquer um deles, não importando a procedência, valor e a origem. Nas mãos do virtuose, no entanto, ele ganha vida, resplendor, magnanimidade.

A mesma analogia pode ser aplicada à literatura. O bom escritor – ficcionista, poeta, ensaísta, etc. – escreve com verve, destreza, perícia, qualquer peça literária que lhe vier à cabeça, de preferência sob efeito daquele fenômeno espiritualista chamado inspiração. O produto final, com certeza, beirará a perfeição ou algo próximo disso. Especialmente se ele estiver compondo em sua língua nativa.

Em sua língua nativa? Questionamento oportuno. Cujas respostas seriam: não necessariamente.

Pegaremos então o exemplo do virtuose e seus instrumentos de corda. Apesar de tocar com sublimidade qualquer um deles, um, em especial, talvez o violão, ele toca com extrema naturalidade, porque o seu cérebro, usando a função da cognição, assimilou as possibilidades de som de cada corda; o efeito de diferentes notas no manejo diferenciado de cada traste ou pestana do instrumento. Essa função cognitiva foi-lhe

facilitada visto que ele toca o apetrecho desde que usava calças curtas.

Voltando ao escritor, esse fenômeno também é correlato quando se trata de escrever na língua mater. Mas se ele por alguma circunstância – voluntária ou involuntariamente – assimilar a capacidade de racionar automaticamente em outra língua, também produzirá peças literárias com a mesma – ou talvez melhor – qualidade do que o seu idioma de berço.

Há exemplos disso na literatura mundial. Resgato apenas dois nomes: Joseph Conrad e Wladimir Nabokov. O primeiro, de origem polonesa, e que dominava por corolário a língua polaca, emigrou para a Inglaterra aos 21 anos, país onde absorveu outro idioma e, através deste, produziu em inglês obras de reconhecido valor literário internacional, como *Lorde Jim* e *O coração das trevas*.

No caso do russo Wladimir Nabokov, o processo foi similar ao de Conrad. A sua família abandonou a Rússia quando os bolcheviques tomaram o poder em 1917, transferindo-se também para a Inglaterra. Mais tarde, Nabokov emigrou para os Estados Unidos onde alçou o posto de professor de literatura russa na Universidade Cornell. Um pouco depois, já com mais de quarenta anos escreveu de chofre três romances em inglês, com destaque para a novela *Lolita*, um clássico mundial.

Casos como esses, e como de alguns colegas da própria ANE, que versejam com aptidão e mestria tanto em português quanto em espanhol, atestam que a fonte, magia, destreza e sabedoria para se construir uma obra de grande valor reside intrinsecamente naquilo que a gente chama de indivíduo, o eu, o único e exclusivo, o indivisível, a menor parte do átomo que não pode sofrer processo de fissão, o mínimo múltiplo comum.

Diante do exposto, conclui-se que aquele velho chavão de que só quem escreve em língua aborígene é

capaz de traduzir em letras, com perfeição, tudo aquilo que brota do âmago do escritor, mostra-se inteiramente inóxico, afinal uma outra língua nada é mais do que outro instrumento que talvez só careça ser reciclado ou melhor afinado.

### NOTURNO

Alberto Bresciani

Somos metáforas  
Tão blindadas  
quanto as palavras  
nos escondendo  
sob poemas

Fora, habitamos os gritos  
constantes  
de guerra ou dor

Quase seríamos nada  
não fosse alguma erupção  
o deslizar das horas  
acendendo a pele  
Um beijo na boca –

como se o arcanjo  
sobre o telhado  
nos garantisse  
para sempre  
esta noite

# EDSON GUEDES DE MORAIS: ARTE LITERÁRIA E ARTE GRÁFICA

Sânzio de Azevedo

**L**eio no livro *Do que é feito o poeta* (2016), de Anderson Braga Horta, o ensaio “Um mago da poesia e da boa vontade”, sobre Edson Guedes de Moraes. Diz o poeta e ensaísta que, além de contista e poeta, o autor focalizado, também artista plástico, exhibe ainda “o gosto de editar companheiros de ofício”.

Lembro que pus o nome de Edson Guedes de Moraes entre as dedicatórias impressas de meu pequeno livro de haicais *Lanternas cor de aurora* (2006). O que é muito pouco, e que faz com que me sinta desconfortavelmente ingrato. Por sinal, desse meu livro ele tirou uma pequena edição de meia dúzia de exemplares, em belo colorido.

Perdi a contas dos livros, calendários e postais que EGM me tem enviado. É longa a lista dos poetas que ele tem resgatado, como Raimundo Correia, Olegário Mariano, Augusto dos Anjos, Hermes Fontes e nomes para muitos desconhecidos, como Narcisa Amália e Paula Brito.

Entre poetas mais recentes e já falecidos, lembro Waldemar Lopes, Alcides Werk, Francisco Carvalho, Lêdo Ivo e Homero Homem, que vi muitas vezes no Rio de Janeiro.

Outro que já se foi, Henriques do Cerro Azul, era meu amigo nos tempos de nossa adolescência em Fortaleza...

Quanto aos contemporâneos, cito Anderson Braga Horta, Napoleão Valadares, Dimas Macedo, Ruy Espinheira Filho, dentre muitos outros.

Já me presenteou com cartões e opúsculos de Otacílio de Azevedo, meu Pai, e meus. Às vezes vêm numas belas caixas de madeira, o que mais de uma vez me fez pensar que EGM é um milionário excêntrico...

Em forma de pequeno livro, tem editado vários contos de sua autoria, como *Suellen* e *Amor de Elvira*, ambos de enredo trágico e com belas ilustrações.

Nasceu ele na Paraíba e residiu em Brasília, mas há muito está em Pernambuco, precisamente em Jaboatão dos Guararapes. Seu livro *Poemas de Dispersão* teve uma edição no Rio de Janeiro, em 1956, outra em Jaboatão no ano de 2006 e uma terceira, também pernambucana, em 2011.

João Carlos Taveira, escritor de Brasília, fez o elogio do artista e, entre outras coisas, disse: “Para mim, seu mérito maior é fazer o papel que as escolas públicas, ou mesmo as particulares, há muito abdicaram de realizar.”

Volto aos *Poemas de Dispersão*, ricos de belos versos, e transcrevo “Segundos”:

Esta alegria  
fora de tempo  
que vem agora,  
de onde é que vem?

Será pedaço  
de uma alegria

sentida outrora,  
depois perdida,  
que vem agora?

Poderia transcrever “Crepúsculo”, “Tristeza”, “Final”, “Vernissage no Bar do Joaquim” e outros mas, para não mutilar nenhum texto, contento-me com a reprodução de “Determinação”:

Nada acontecerá  
mas tudo irá mudando.  
Não haverá, eu sei,  
momentos decisivos  
ou emoções maiores  
mas, quando olhar para trás,  
não reconhecerei  
tão antigas imagens,  
nem mesmo o rosto amado.  
Fatal, irrevogável  
a fumaça que envolve  
os momentos vividos.

Sei que não me redimo da minha falta com relação a esse benemérito da literatura e da arte. Mas me sinto um pouco mais leve depois de fazer o elogio de Edson Guedes de Moraes, que Anderson Braga Horta chamou com justiça “Um mago da poesia e da boa vontade”.

## TIO CELSO E TIO FREUD

Vera Lúcia de Oliveira

**T**io Celso e tio Freud amavam os charutos. Tio Celso Motta era o tio do cronista Danilo Gomes; tio Freud era o próprio Sigmund Freud, pai da Psicanálise, tio do Harry.

A conexão entre esses dois seres extraordinários, cada um a seu modo, parece-nos evidente e necessária: o charuto, que foi extensão do corpo e da alma de ambos, que seria o prazer indizível de suas vidas longas, espantosamente longas para a época – morreram ambos depois dos 80 anos (um milagre para quem não abandonava “a little help” do “amigo”); e os sobrinhos de 17 anos a quem ensinaram ou estimularam a compartilhar o gosto pelo hábito do fumo, tão politicamente incorreto nesses nossos aborrecidos tempos saudáveis comandados pela ditadura da ciência...

Tio Celso e tio Freud ensinaram seus sobrinhos a apreciar o mítico charuto e a amá-los, a eles, tios bonachões e bem-humorados. O sobrinho Danilo tomou gosto e fumou por mais de 40 anos. Parou, mas ainda sente falta daquele tesouro toda vez que toma umas cervejas, diz ele em suas memoráveis crônicas “Celso Motta, tio e amigo”, crônicas da saudade do tio, da família e de sua infância e juventude em Mariana, à beira do Ribeirão do Carmo, rio imortalizado pelo poeta conterrâneo Cláudio Manuel da Costa em versos refinados e inigualáveis, de emoção contida, na melhor lírica da Língua Portuguesa: “Leia a posteridade, ó pátrio Rio,/ Em meus versos teu nome celebrado,/ Porque vejas uma hora despertado/ O sono vil do esquecimento frio.”

Se Cláudio Manuel cantou o rio para que este não caísse no frio esquecimento do Letes, Danilo Gomes celebra “o rio da memó-

ria” de Mariana para, proustianamente, buscar o tempo da inocência, reencontrando ecos no Rosa, que cantou as coisas bucólicas das terras de Minas com poesia de menino. Se o tio Freud apresentou o prazer “mais prazeroso e barato” ao sobrinho Harry, segundo relato próprio, e acabou tornando o sobrinho célebre por citá-lo em sua obra, o tio Celso foi mais feliz, pois teve quem o louvasse: o mais doce e amoroso dos sobrinhos, que poderia ter assinado embaixo destes versos do Cláudio: “Destes penhascos fez a natureza/ O berço em que nasci: oh quem cuidara/ Que entre penhas tão duras se criara/ Uma alma terna, um peito sem dureza”!

Foi essa alma terna, esse peito sem dureza que fez o cronista-poeta Danilo Gomes ser o que é, escrever o que escreve, puxando o fio de seda da memória de sobrinho feliz e de fino escritor na tradição dos conterrâneos Cláudio Manuel e Alphonsus de Guimaraens; e ser autor desse gênero tão brasileiro que fala dos acontecimentos inscritos num tempo, num lugar, que busca o testemunho pessoal, que sensibiliza o leitor: a crônica. Crônica é coisa séria.

E Danilo Gomes, acadêmico mineiro e brasiliense, em suas crônicas, admira o tio Celso, a paisagem e o chão de Minas, o rio e as igrejas de Mariana com seus silêncios e sinos langorosos que uma vez disseram ao poeta solitário: “Pobre Alphonsus”! E, em Brasília, admira o pôr do sol ao som de Vivaldi, na estação do inverno, numa nostalgia que não é tristeza, mas doce lembrança de tempos idos e bem vividos que voltam em forma de crônicas para o nosso deleite; nós, seus leitores.

# DIEGO MENDES SOUSA: ENTRE O APOLÍNEO E O DIONISIACO - I

Darcy França Denófrío

Laçando um olhar sobre a obra lírica de Diego Mendes Sousa, é possível perceber que ela se divide, até agora, em duas partes. Uma é representada por seus quatro primeiros livros, intitulados *Divagações* (2006), *Metafísica do Encanto* (2008), *Fogo de Alabastro* (2011) e *Candelabro de Álamo* (2012), obras em que se notam visíveis substratos da mitologia grega e também romana. É inegável que já em seu primeiro livro, *Divagações*, em “Impulsão”, o poeta já aponta claramente para os mitos, traço que se tornaria uma tônica de sua poesia. Aí afirma: “Daqui/ sairão/ todos/ os mitos./ Inventarei o não existente”. E é interessante observar que, mesmo nesta sua primeiríssima obra, o poeta já usa, à p. 104, a interjeição “evoé”, grito festivo com que as bacantes evocavam Dioniso – ou Baco para os romanos.

Ainda nesse livro, o poeta falará também em Hidra, ou Hidras, Ícaro e ainda em mais uma ou outra figura da mitologia. Todavia a alusão a Dioniso nessa obra de estreia é especialmente importante, porque essa divindade está de modo muito presente e significativo nas quatro obras mencionadas.

Retornando a *Divagações*, primeiro degrau de sua lírica, percebemos que o poeta, quase um menino à época da publicação, já apresenta um dos elementos considerados indispensáveis por Aristóteles, ou seja, *physis*. Para o filósofo grego este elemento é a capacidade inata do poeta, a força criadora que não depende de qualquer ensino ou de qualquer saber. Mas a safra juvenil da produção literária de Diego Mendes Sousa revela também indícios daquilo que Aristóteles chama *techné*, ou seja, a cultura artística, o saber relativo à construção formal da obra, enfim, as regras que presidem à estrutura do poema.

Desta forma, mesmo sem o rigor verdadeiramente formal aristotélico, vamos encontrar, na obra de estreia de Diego, poemas visuais, poemas metalinguísticos, sem falar daqueles inspirados em partituras clássicas, como é o caso de um texto inspirado numa peça de Tchaikovsky. Além disso, há referências a autores respeitados da literatura universal, revelando o hábito do jovem poeta por leituras seletas, destacando-se a presença de Rilke. Em *Fogo de Alabastro*, no poema “Dois navegantes nas estrelas”, ele dialoga com *Elegias* de Duíno. Não é sem razão que o poeta afirma ter nascido numa casa de livros.

Embora *Divagações* seja o livro de sua estreia precoce, ele aponta para muitas direções líricas que depois iriam amadurecer. Há fragmentos metafóricos de poemas prenhes de sumo existencial. No texto de abertura, “Adágio”, concebido com a liberdade de estrutura que a juventude permitia ao poeta ainda adolescente (teria entre 15 e 16 anos de idade), saltam duas estrofes que comprovam o que acima dissemos. À página 5, lê-se: “que a vida é um trocado/ de troços/ a ficar pânica no desvão”. Em seguida, à página 7, no mesmo poema de abertura, registra: “Tudo de uma vida/ digere/ em outras vidas”.

Dois anos depois, publica a obra *Metafísica do Encanto*, onde o poeta cresce sensivelmente. Aí ele dirá na seção “Os Incônditos do Encanto”, página 56, num poema que corre solto como uma disparada de Pégaso, este excerto profundamente existencial: “a vida é um desastre/ estrondoso/ de instantaneidade”.

Mas é ainda em *Divagações* que o poeta faz sete poemas tematizando a morte: “Chamado”, p. 35; “Na realidade sou assim”, p.39; “Dueto”, p. 52; “Candelabro”, p. 57; “Entre mortos”, p. 61; “Busca”, p. 62; e “Vendo além”, p. 64. Podemos contabilizar ainda inúmeras vezes a palavra morte e cognatos, até mesmo no meio do discurso erótico, tanto nesta como em outras obras do autor. Até mesmo em *Fogo de Alabastro*, eminentemente o livro da amada, que redime o seu sofrimento de Dioniso despedaçado. O poeta começa com o poema “Visita”, onde a morte comparece no primeiro verso da primeira estrofe:

*Trafega o susto da morte  
A imagem da orfandade*

A sombra de Tãtatos que paira sobre obras de Diego, ainda tão jovem, se não aponta para duras perdas em sua infância, deve apontar para o receio de outras, como a possível morte da avó que o criou e que lhe é tão cara. Uma figura doce e amada em sua poesia, tal como se desprende dos comentários versos a ela dedicados. Quanto a Tãtatos, não é sem razão que se lê, como

já se disse, no poema “Impulsão” da primeira obra de Diego: “Daqui/ sairão/ todos [...] os mitos”.

Eros e Tãtatos, o amor e a morte, são presença constante na lírica de todos os tempos e também na de Diego Mendes Sousa. O primeiro exilará o segundo ao longo de sua obra completa, principalmente em razão do aparecimento de sua grande Musa. Na obra de estreia, no poema “Anúncio”, o poeta afirmava: “Estou à procura de uma musa”. E ele a encontra. Ela já aparece subentendida em *Metafísica do Encanto*, no poema “Abalo ao Anoitecer”, à p. 29, quando o poeta fala na “esmeralda de teus olhos”, esses olhos verdes que se tornam um verdadeiro símbolo, senão uma metonímia de Altair Marinho, a Musa com quem se casa.

Vejamos um excerto delicadamente erótico desse poema:

*Teus enfeitados cabelos  
teu eterno céu de cristal  
que faz cair o crepúsculo  
que clareia a esmeralda de teus olhos  
e abre a carnosidade  
de tua boca [...].*

Diego Mendes Sousa cresce geometricamente de *Divagações* para *Metafísica do Encanto* e podemos insistir que há mesmo sobre a planta baixa de boa parte de sua obra um lastro mitológico considerável. *Metafísica do Encanto*, obra com que ganhou o Prêmio Nacional de Poesia Olegário Mariano da UBE-RJ, é dedicada a, pelo menos, quatro das nove musas da mitologia grega, não faltando Érato, musa da poesia romântica, e Calíope, musa da poesia épica. A obra abre-se com uma epígrafe em que se flagra um excerto da fala de Fausto, de Goethe. Comparecem nesta obra, além de nomes de luminares da literatura mundial, que o poeta conhece como poucos em sua idade, também os de músicos e pintores de alto escalão, revelando milhas de leitura e de conhecimento de música clássica e erudita.

*Metafísica do Encanto* é o título que o poeta extrai de um fragmento de um longo poema, à página 77. Aqui, mais uma vez, ele demonstra seu vasto conhecimento de mitologia greco-romana, conhecimento exposto até mesmo na ilustração da capa desse livro. Estão presentes na obra, praticamente as nove musas da mitologia grega, filhas de Zeus e Mnemósine. Nas duas folhas de dedicatória, aparecem pelo menos quatro delas, entre as quais a da poesia lírica e a da poesia épica. Também são mencionadas, ao longo da obra, Vênus, Afrodite e outras figuras da mitologia, como é o caso de Pã e Ícaro. Esta obra lírica, que não deixa dúvidas quanto ao amadurecimento estético do poeta, apresenta versos mais conscientes, com lâminas líricas mais coesas e até mesmo mais contidas. Poderíamos dizer, versos mais apolíneos. Como exemplos, citaria “Sobras do crepúsculo” e “Serenata aos iludidos”, este último um poema que abre e se fecha em magnífica forma circular. Nele o primeiro e o último verso, depois de uma relativamente longa lâmina lírica de permeio, se completam, de forma aparentemente circular:

*Amor não me deixa sofrer...  
[...]  
Amor não me deixa morrer*

Como já dissemos, fica-nos, mais do que a impressão, a certeza de que sua musa Altair está ali insinuada, pela primeira vez, no poema “Abalo ao anoitecer”, em que o poeta fala da “esmeralda de teus olhos”. Esses olhos verdes, às vezes de forma reiterada, como se verá depois em *Fogo de Alabastro* – “Pupila de Farol/ verde, verde, verde” – não nos deixa, enganar. São sempre os da verdadeira Musa de Diego. Olhos que o enfeitaram ou o enfeitaram desde sempre.

De fato, grande parte da obra completa de Diego lembramos *O nascimento da tragédia*, de Nietzsche, trabalho em que o filósofo estabelece a distinção entre o apolíneo e o dionisíaco. Este filósofo considera-os como perspectivas opostas e complementares entre si. Como se sabe, Apolo é o deus da clareza, da harmonia e da ordem, enquanto Dionísio é o deus da exuberância, da desordem e da música. Dioniso, ou Baco, é o deus do vinho, da embriaguez, dos excessos, especialmente sexuais, e da natureza. Essas duas forças que se complementam, segundo o filósofo, só foram separadas pela civilização. Para Nietzsche, a tragédia grega atingiu a sua

perfeição na reconciliação da “embriaguez” e da forma, de Dioniso e de Apolo, e só começou a declinar quando, aos poucos, foi invadida pelo racionalismo, sob a influência “decadente” de Sócrates. Na poesia de Diego Mendes Sousa, o apolíneo e o dionisíaco são visivelmente complementares.

Ao se lançar uma visão macroscópica sobre as quatro primeiras obras de Diego Mendes Sousa, já não se tem dúvida: nelas existe um casamento visível entre o apolíneo e o dionisíaco, embora ele até fale muito mais em Dioniso, porque frequentemente o encarne. Logo que li sua obra lírica completa, vi sob a sua planta-baixa, ou unindo as grandes articulações de suas obras, aquelas ideias de Nietzsche sobre a arte. Aliás, é este, segundo soube, um de seus filósofos prediletos. Portanto, sua obra não é apenas dionisíaca. Soube estabelecer, no *crecendum* de sua poesia, uma aliança fraterna entre Dioniso e Apolo. Mesmo quando não fala em mito.

Em 50 poemas escolhidos pelo autor, pudemos observar algo novo na lírica de Diego Mendes Sousa. Fragmentos de “Um Estro Temporão”, última seção de *Metafísica do Encanto*, pág. 65, são reorganizados e acomodados com mais rigor, aparecendo somente agora em pequenas seções, marcados com algarismos romanos. Parece um retorno à ordem, ao apolíneo, à complementaridade entre essas duas forças antagônicas, que não devem se excluir. O fenômeno do dionisíaco, para Nietzsche supunha “um dizer sem reserva, mesmo ao sofrimento, mesmo à culpa, mesmo a tudo o que é problemático e estranho na existência”. Para ele, “nada do que é deve ser excluído”. E o poeta Diego não exclui. Vejamos apenas um fragmento de “Um Estro Temporão”, de *Metafísica do Encanto*: “Que fogosas putas/ depois do sexo/ laceram a vaginal/ com vinagre e limão/ e dentro da solidão/ urinam-se falos”.

Apolo, no plano da expressão, é, em Diego, a busca do belo, da verdadeira dicção poética, que ele alcança por excelência na bela obra *Fogo de Alabastro*. Basta lembrar o poema “Evocote, Figo Maduro, para não morrer na saudade imensa”, título homônimo de uma estrofe do poema que mereceu tradução da professora, tradutora, ensaísta e poetisa Helena Ferreira. Eis um fragmento do poema:

*Alabastrino raio  
que principia  
a lírica instância  
da Roma*

*E acenou aos deuses  
a fúria da brancura*

*Pele de jasmim  
fêmea atracada no porto incendiário  
entre a ternura e o afago  
[...]*

Dioniso é o desesperado amor do poeta, seu coração de vinhas que alcança o seu máximo lírico também em *Fogo de Alabastro*, o livro por excelência de sua musa Altair. Essa que o fez reviver e lhe deu a possibilidade de dizer, no poema “O Vinho do Amor”, à p. 19, de *Candelabro de Álamo*: “Dionísio está vivo!”. A divindade encarna o poeta, e o poema termina reiterando a oração por três vezes e culmina com a ideia de que Dioniso já foi destruído pelos Titãs (os que a vida lhe reservou) e renasceu, como se desprende dessa transcrição que fecha o poema:

*“Pois Dionísio está vivo! Está vivo! Está vivo!  
(e vai ecoando redívivo)”*

Dos quatro primeiros livros publicados, *Fogo de Alabastro* é o mais apolíneo no que se refere à perfeição da forma, e o mais dionisíaco no sentido da desesperada entrega de seu amor à musa, como se lê em “Utopia”:

*Para onde  
os teus olhos verdes  
apontam  
é a rota*

Continua